

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR - ENS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

PANAPANÁ BARÉ (Larissa da Silva e Silva)

**AUTOBIOGRAFIA INVENTIVA DE UMA MULHER-RIO BARÉ NO MATERNAR-
EDUCAR COM TRAÇOS (ECO)FEMINISTAS NAS DOCÊNCIAS E CURRÍCULOS
VIVOS**

**MANAUS-AM
2026**

PANAPANÁ BARÉ (Larissa da Silva e Silva)

**AUTOBIOGRAFIA INVENTIVA DE UMA MULHER-RIO BARÉ NO MATERNAR-
EDUCAR COM TRAÇOS (ECO)FEMINISTAS NAS DOCÊNCIAS E CURRÍCULOS
VIVOS**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao
Curso de Pedagogia da Universidade do Estado
Amazonas (UEA), como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Monica Aikawa.

MANAUS –AM

2026

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S586a

Silva, Larissa da Silva e

Autobiografia inventiva de uma mulher-rio Baré no maternar-educar com traços (eco)feministas nas docências e currículos vivos / Larissa da Silva e Silva. Manaus : [s.n], 2026.

34 f.: il.; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2026.

Orientador: Aikawa, Monica Silva.

1. Educar-maternar. 2. Povo Baré. 3. (Eco)feminismo. 4. Currículos vivos. 5. Pedagogias amazônidas. I. Aikawa, Monica Silva (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)37.013

FOLHA DE APROVAÇÃO

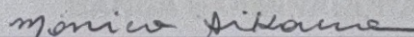
PANAPANÁ BARÉ (Larissa da Silva e Silva)

AUTOBIOGRAFIA INVENTIVA DE UMA MULHER- RIO NO MATERNAR-EDUCAR
COM TRAÇOS (ECO)FEMINISTAS NAS DOCÊNCIAS E CURRÍCULOS VIVOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade do Estado do Amazonas (UEA), como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 20/05/2026.

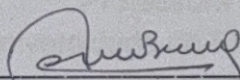
BANCA EXAMINADORA



Monica Silva Aikawa

Professora Orientadora

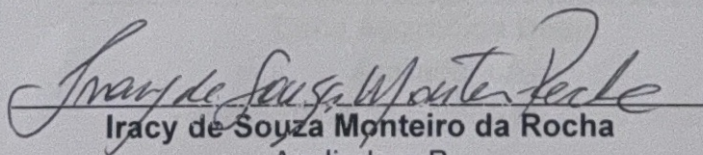
Universidade do Estado do Amazonas



Célia Aparecida Betiol

Avaliadora A

Universidade do Estado do Amazonas



Iracy de Souza Monteiro da Rocha

Avaliadora B

Grupo de Apoio a Pais Adotivos do Amazonas - GAPAM

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, que são minha maior motivação diária e me ensinam sobre amor, força e resiliência. À minha família, que sempre me ajudou e apoiou, mesmo na distância. Às amigas que fiz na UEA, especialmente Aline, Edvane, Guadalupe, Maria, Roma, Samira, Sara e Kimberly, que, embora tenha permanecido por pouco tempo, foi significativa na minha vida acadêmica, e sem elas teria sido impossível continuar.

Dedico, de maneira especial, à minha bisavó-mãe, que me criou e me inspira a ser persistente todos os dias. Este trabalho é fruto de seus ensinamentos e daquilo que me constitui como mulher, mãe, docente e, sobretudo, como mulher indígena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos seres ancestrais por me concederem sabedoria, força e perseverança durante toda a minha trajetória acadêmica.

À minha orientadora de pesquisa em Iniciação Científica, Michele Pires Lima, e ao professor Marcos André Estácio Ferreira, que são minha maior fonte de inspiração e me incentivaram na pesquisa acadêmica.

Ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE), especialmente à coordenação do Programa Assistente à Docência (PAD) e, em especial, à professora Ana Michele, por compreenderem minhas lutas e me motivarem a continuar.

À minha orientadora, Monica Aikawa, pela paciência, dedicação e pelos ensinamentos.

Aos professores do curso de Pedagogia, que contribuíram para a minha formação.

Aos amigos, familiares e conhecidos que estiveram presentes em cada etapa desta caminhada.

"TRAGO NO SANGUE A MEMÓRIA DO MEU POVO.

SOU HERDEIRA DAS ÁGUAS E DA FLORESTA,

E É NO RIO QUE MINHA HISTÓRIA CONTINUA."

— MÁRCIA WAYNA KAMBEBA (2013)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo narrar as travessias de uma mulher-rio na posição de estudante indígena e mãe no curso de licenciatura em Pedagogia, destacando os modos como sua experiência de conexão com saberes tradicionais, (eco)feminismo e currículos vivos se constitui em uma docência que entrelaça educar e maternar. A pesquisa, então, mobiliza-se a partir das afecções entre maternidade, formação inicial docente e pertencimento étnico, com base na narrativa da mulher-rio, essa personagem conceitual que emerge da trajetória de uma mulher indígena do povo Baré que adentra a universidade em seus atos de maternar e educar. A pesquisa parte do atravessamento da formação docente por experiências singulares, afetos e conhecimentos ancestrais do meu povo, que influenciam diretamente os modos de ensinar e aprender, ser e viver. A investigação fundamenta-se em uma pesquisa narrativa autobiográfica em invenção de si, na qual a experiência da pesquisadora se constitui como campo de análise e produção de conhecimento e, ao mesmo tempo, transmuta-se em outra de si: uma mulher-rio em seu educar e maternar. O rio é vivido como imagem do próprio movimento da vida, da singularidade dessa indígena Baré e do saber, em meio às transformações ao longo da maternidade, da formação acadêmica e da docência, produzindo traços (eco)feministas na prática docente e em currículos vivos. O referencial teórico dialoga com autores indígenas Baré em seus conhecimentos originários, e com outros que discutem existência, educação e subjetividade, como Lapoujade, Corazza e Krenak, sustentando a compreensão de que nos constituímos em permanente devir, bem como com autoras que produzem ideias acerca de (eco)feminismo e currículos vivos. Desse modo, emerge uma docência enquanto ato político, estético e ético, em afirmação da vida, com traços (eco)feministas e em currículos vivos diante do Antropoceno. Em vias de considerações finais, a narrativa dessa mulher-rio ressalta que a articulação entre saberes ancestrais e científicos fortalece sua singularidade no maternar na formação docente e potencializa práticas pedagógicas mais sensíveis, inclusivas, contextualizadas e aterradas no território amazônida. Inicialmente, a maternidade e a ancestralidade constituem obstáculos à formação; contudo, nesse curso de forças de rio, intensificam o maternar e a ancestralidade da mulher Baré enquanto experiência do ser que se estende ao educar-maternar, ressignificando meu lugar de mulher indígena na universidade e na escola, e transmutando minha formação docente em uma pedagogia amazônida. Trata-se de uma educação como um rio: ora conduz, ora arranca o sujeito de si, ora produz traços (eco)feministas, ora derruba currículos, ora fábrica currículos vivos, ora desloca as margens, ora cria aterramentos com a ancestralidade da terra de onde brotou.

Palavras-chave: Educar-maternar, povo Baré, (eco)feminismo, currículos vivos, pedagogias amazônidas.

RESUMO EM NHEENGATU

Kua muraki akue yeya maku kuya maw ibuesara uikitari ukusai Licenciatura e Pedagogia, wiki yakāga upe Kuxiima tiapu, tiyama teytiwara kuya yapiga, papera upaka ya saisu.

Kua yayubu yeya Kuya-Bare uikitare uka ibuesara yamuya yagustoriwa ya Kuya-Bare ya yubu purāga ya ipidina paperawa.

Kua parana upakawa ya kuitare amu etnia ito, yade Bare ya purāgita kapajade, coraza e kremak yakwasā yammudare side kiti. Ya istudare purāga usemu ya na muraki papera upe.

Ya finaliso kua yakuitare kua Kuya ipisinmasa kua papera yo ne kuxiimawara.

Uyupiim pisasui papera upakawa yor ne kituwara usemu purāga uyutima.

Palavras-chave: Yakuitare, uyubu purāga, Mira Bare, Yusuruti purāga, papera upakawa, Pedagogia amazonicas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
SEÇÃO 1: MARGENS DA INFÂNCIA EM ÁGUAS DA PRODUÇÃO DO SI.....	14
1.1 Correntes do cuidado em afecções maternantes	17
1.2 Travessias da Formação da Mulher-Rio na Universidade.....	18
1.3 Confluências de educações, maternâncias e encantamentos do si	21
SEÇÃO 2: AUTOBIOGRAFIAS DE UM MATERNAR E A CONSTRUÇÃO DE UM PROFESSORAR.....	23
2.1 Educar-maternar em docências no estagiar.....	23
2.1 Um maternar continuado e (re)encantamento com a docência	26
2.3 Outro professorar maternante na iniciação à docência	28
QUANDO UM RIO DESÁGUA NUM MATERNAR-EDUCAR.....	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Eu me chamo Panapaná, que significa revoada de borboletas. Pertencço ao povo Baré e sou filha de José Maria Itapinima (Baré), que significa “pedra pintada”, e de Marineide Muhîpû (Tukano), que significa “nascer do sol”. Sou neta, por parte materna, de Mário Doêtiro (Tukano) e Cristina Da’ragó (Pira-tapuya) e, por parte paterna, de José Beijamim Cupixá (Baré) e Guiomar Yacy (Baré), de quem provêm e se constituem a minha ancestralidade e cultura.

O povo Baré é conhecido como povo do rio, pois vive e se cultua às margens do Rio Negro, tendo o rio como elemento central de sua vida e cultura. É um povo marcado pela resistência e pelo apagamento linguístico, que hoje segue em processos de retomada de seu si, presente nos corpos e nas ancestralidades.

É nesse entrelaçamento entre vida, território e formação que emerge esta pesquisa, ancorando-se na experiência de uma personagem conceitual denominada mulher-rio, a estudante indígena e mãe no contexto do ensino superior. A mulher-rio move-se a partir da maternidade, da ancestralidade e dos saberes tradicionais, que se entrelaçam na constituição da formação docente.

Ela emerge de um sentir e de um desejo de narrar suas travessias, aproximando-se de outras estudantes indígenas, mulheres e mães, contribuindo para a ampliação desse campo de estudo na literatura acadêmica. Ao mesmo tempo, evidencia a necessidade de registrar essas existências e experiências em pesquisas no campo da Pedagogia, marcadas por desafios, estratégias, aprendizagens e afirmação de vidas.

Nesse percurso, a maternidade não se apresenta apenas como uma experiência pessoal, mas como um território de aprendizado, resistência e transformação. Cuidar, educar e resistir constituem práticas que se entrelaçam no cotidiano, tanto no espaço familiar quanto no ambiente escolar.

A mulher-rio nasce em São Gabriel da Cachoeira (AM) e inspira-se nas águas que atravessam sua trajetória para compor uma formação docente como um rio em constante fluxo, marcada por nascentes, curvas, confluências e obstáculos, bem como por encontros femininos, currículos vivos e aprendizagens singulares.

Diante disso, o estudo busca responder à seguinte problemática: de que modos as travessias de uma mulher-rio emergem nas narrativas de uma mulher indígena, mãe e universitária do curso de Pedagogia, em meio às conexões com os saberes

tradicionais, o (eco)feminismo e os currículos vivos de uma docência que entrelaça educar e maternar?

O objetivo geral desta pesquisa é narrar as travessias de uma mulher-rio na posição de estudante indígena e mãe no curso de Licenciatura em Pedagogia, destacando os modos como sua experiência de conexão com saberes tradicionais, (eco)feminismo e currículos vivos se constitui em uma docência que entrelaça educar e maternar. De modo específico, busca-se narrar experiências do maternar-educar durante a vida acadêmica, problematizar essas experiências nas múltiplas posições ocupadas por essa mulher e analisar os modos de produção de si como mulher-rio em articulação com a educação, a maternidade e as políticas de permanência estudantil.

A relevância deste estudo reside na necessidade de dar visibilidade à mulher-rio que habita as mulheres-multidões, as quais, como rios, se movem entre margens distintas da maternidade, da ancestralidade e da educação, produzindo práticas e saberes que tensionam modelos rígidos de formação humana.

A pesquisa contribui para a produção de sentires e pensares sobre o maternar-educar como uma experiência atravessada, sobretudo, pelo tempo. O maternar não segue uma lógica produtivista, mas se constitui como um processo lento, contínuo e que exige paciência, em contraste com os modelos escolares atuais, marcados pela rapidez e padronização.

Nesse contexto, o cuidado emerge como um atravessamento fundamental, orientado pela escuta e pela observação, a partir de um olhar de mãe-professora sensível às necessidades de aprendizagem, para além do desempenho mecanizado. Destaca-se também a dimensão do corpo como presença atenta e acolhedora, capaz de reconhecer processos, dificuldades e singularidades.

Assim, a mulher-rio compreende o maternar como uma força que atravessa a docência como resistência ao modelo escolar padronizado, valorizando outras formas de conhecimento, produzindo práticas pedagógicas mais humanas e tensionando políticas educacionais em direção a maior inclusão e sensibilidade às diversidades culturais e familiares, especialmente das mulheres indígenas.

De mesmo modo, a pesquisa impulsiona reflexões sobre traços de (eco)feminismo, compreendidos como modos de equilibrar as relações entre o feminino e a natureza na vida (Lópes, 2025), bem como sobre os currículos vivos, entendidos como uma proposta coletiva que supera a polarização entre o currículo

formal e o oculto (Rangel, 2015). Esses conceitos se mostram mais alinhados à vida da mulher Baré e às educações amazônidas, nas quais o cuidado, a amorosidade e a maternância coletiva se aproximam de outros modos de maternar-educar.

A fundamentação teórica dialoga com autores e autoras indígenas, como Ailton Krenak, que refletem sobre ancestralidade, território e modos de existência, bem como com pensadores como Lapoujade e Corazza, que contribuem para a compreensão da subjetividade em devir. Articula-se, ainda, com produções acerca do (eco)feminismo e dos currículos vivos, entendidos como perspectivas que se aproximam de modos amazônidas de educar, baseados na coletividade, no cuidado e na relação com a vida.

Metodologicamente, a investigação fundamenta-se na pesquisa narrativa autobiográfica em invenção de si, na qual a experiência da pesquisadora constitui-se como campo de produção de conhecimento. Trata-se de um movimento que rompe com narrativas lineares, operando por meio de processos de fabulação e criação, nos quais narrar a si é também inventar-se (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023).

O rio, nesse contexto, constitui-se como imagem conceitual que expressa o movimento da vida, da formação e da docência, produzindo traços (eco)feministas e currículos vivos. A mulher-rio é compreendida, neste estudo, como uma personagem conceitual que vagueia pelo tempo, observando, sentindo, afetando-se e produzindo encontros (Deleuze; Guattari, 2010). É ela quem articula experiências autobiográficas e reflexão teórica em um processo contínuo de aprendizagem, resistência e reinvenção de si.

Essa personagem se produz ao mesmo tempo em que produz um conceito filosófico próprio, no qual o maternar-educar é movimentado por traços de (eco)feminismo e por currículos vivos, contribuindo para a constituição de uma docência singular em fluidez Baré. Assim, entende-se a formação docente e a maternidade como rios que se entrelaçam, nos quais saberes ancestrais, experiências e práticas educativas se encontram, produzindo uma docência sensível, situada e em permanente transformação.

Eis, portanto, o convite: entrar nesse rio e acompanhar as travessias da mulher-rio em suas maternâncias e educações amazônidas.

SEÇÃO 1: MARGENS DA INFÂNCIA EM ÁGUAS DA PRODUÇÃO DO SI

A maternidade, como natureza, é capturada por lógicas de controle e exploração.

(Calixto-Cunha; Fróis; Carvalho, 2025).

A personagem conceitual denominada mulher-rio nasce de uma reflexão movida por questões da filosofia de si, propondo um olhar singular sobre as relações e vivências. Ela se constitui a partir da experiência e da autorreflexão, articulando modos próprios de perceber, sentir e existir no mundo:

[...] as histórias de vida, biografias, autobiografias e narrativas individuais e coletivas vêm sendo utilizadas na pesquisa em educação enquanto processo de produção de conhecimento se relativo à escola e ao ensino, à formação, ao trabalho docente e demais aspectos relacionados ao fenômeno educacional. (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023, p. 136).

No entanto, essa narrativa não se trata apenas de uma pesquisa acadêmica; ela emerge da própria vida como afirmação de uma existência, a da mulher Baré e mãe que habita a universidade.

Assim, a narrativa inicia-se a partir de si, de seu povo, de seu território e de suas origens.

São Gabriel da Cachoeira, no interior do Amazonas, é conhecida popularmente como a cidade mais indígena do Brasil. Nela coexistem 23 etnias diferentes, e três línguas são reconhecidas como cooficiais: o nheengatu, o tukano e o baniwa. A cidade também é chamada de “Cabeça do Cachorro”, em referência ao formato de seu território no mapa político do Brasil.

A população é majoritariamente indígena, e a cultura se mantém viva e pulsante por meio de práticas tradicionais, como rituais de benzimento, proteção e cura. Nesse contexto, quando uma criança nasce, é comum que o pajé lhe atribua um nome em sua língua materna, como forma de proteção e conexão com a ancestralidade.

A Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) possui o Registro Administrativo de Nascimento de Indígena (RANI), que atende a fins políticos e afirmativos, no qual são registrados dados pessoais, nome e ancestralidade genealógica. Importa ressaltar que o RANI é um documento administrativo e não substitui a certidão de nascimento.

Como pertencente ao povo indígena Baré, refaço-me nesse ciclo de mudança linguística, pois “os Baré, que são de filiação linguística aruak, acabaram adotando o

nheengatu (ou 'língua geral') como primeira língua, uma variação do tupi difundida na região por missionários carmelitas no período colonial. Atualmente, essa língua representa uma marca característica para esse povo" (Delgado, 2024, p. 294).

Compreendo essa língua de forma não fluente; escrevo e falo palavras de modo pontual, entendendo essa descontinuidade linguística também como resistência, já que os Baré foram um povo marcado pelo apagamento de sua língua. Recordo que minha avó falava a língua geral com seus filhos mais velhos, enquanto meu pai, por ser o caçula, já não a falava. Ouvia-se, por muito tempo, o Baré ser nomeado como kariwá (branco), o caboclo, sendo uma mistura de branco com indígena, evidenciando, na fala, esse apagamento linguístico, mas nunca cultural:

Os barés são uma das respostas em ato, hoje, a essas perguntas. É nisso que está a exemplaridade desses antigos senhores do rio Negro, desse povo que desempenhou papel axial na dinâmica cultural pré-colombiana e que tem, entre seus louros, o fato de ter seu nome associado a uma das mais altas mitologias indígenas do continente, aquela registrada por Stradelli, Brandão de Amorim, Barbosa Rodrigues. A exemplaridade não consiste no compartilhamento de uma narrativa triste de desindianização, mas na capacidade de resistir, reagir, inverter essa narrativa, mostrando ao chamado povo brasileiro que ele é, e continua a ser uma multiplicidade tanto patente quanto latente de povos em estado de variação contínua (Viveiros de Castro, 2016 apud DELGADO. 2024 p. 295).

Em meio a essa multiplicidade, a mulher-rio nasce no povo Baré, em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. Panapaná é seu nome de batismo e traz consigo a leveza e a doçura de uma revoada de borboletas. Seria esse um outro motivo para ver-se enquanto rio? Um rio-borboleta habita essa mulher Baré.

Sua infância foi permeada por rios, histórias, cantos, contos dos encantos, rezas e costumes tradicionais. Foi criada por sua bisavó, benzedeira e parteira, que mesclava a fé católica com a sabedoria ancestral. Teve contato, ainda que breve, com os avós maternos, que viviam em uma comunidade isolada, onde não havia energia elétrica e os costumes ancestrais se faziam mais presentes.

Eram falantes da língua Tukano, o que a marcava profundamente, sobretudo sua avó materna, monolíngue, que falava somente o Tukano e se recusava a falar português. Desde a infância, convivia com crianças, plantas, animais e a natureza e, sobretudo, com os rios. Demonstrava afeição pelo educar, pelos animais, pelas ervas medicinais e pelas histórias que lia ou ouvia em rodas de conversa com seus familiares.

O rio, elemento central de sua infância, aparece como espaço simbólico de aprendizado e encantamento, onde “as pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta” (Krenak, 2020, p. 25).

Recorda-se das narrativas místicas contadas por sua bisavó, nas quais acreditava e ainda acredita existir, já que, como nos lembra Krenak (2020), ao contar mais uma história, podemos adiar o fim do mundo. Sob a imensidão das águas, há um outro mundo, habitado por seres encantados. Assim, era comum ser benzida para a proteção deles.

Mesmo entre o medo e a curiosidade, havia sempre coragem, sendo esse um sentimento que a move até os dias atuais.

A menina que amava o rio e viveu tantas histórias nas beiras de rios e praias continua a se desdobrar em múltiplos cursos de vida, tornando-se ela mesma um rio que, em cada encontro, carrega novos aprendizados. Pois, segundo Lapoujade (2017), cada existência pode tornar-se uma incitação, uma sugestão ou o germe de outra coisa no fragmento de uma nova realidade futura.

Sua bisavó a ensinou a cuidar de animais, como galinhas, patos, jabuti e até mesmo um macaco e uma cutiwaia, espécie semelhante à cutia, porém de porte menor, assim como das plantas e ervas que utilizava para benzer crianças e adultos. Cresceu envolta por uma cultura que moldou não apenas quem é, mas também no que acredita; tudo isso habita essa mulher-rio: “Diferentemente, porém, das essências, das entidades racionais ou musicais, há coisas que estão submetidas à obrigação de existir aqui e agora; são as coisas singulares” (Lapoujade, 2017, p. 31).

As memórias da infância e os ensinamentos dos mais velhos mostraram à mulher-rio que a identidade não é algo fixo, mas um rio em constante movimento, que carrega encontros, ausências, resistências e intempestividades. Carrega consigo as canções, as rezas, as comidas e os costumes de sua casa, como um rio que leva pequenas folhas, conduzindo-as a lugares onde jamais imaginariam chegar.

Transita entre a sociedade urbana, carregando não somente sua identidade, mas também os saberes tradicionais que a constituem:

As mulheres deste povo têm, sim, algumas características das Icamiabas, são independentes, a maioria são as provedoras do lar, trabalham em roças, são empreendedoras, professoras, pesquisadoras, algumas nos representam em cargos públicos fora do estado. A palavra que define as mulheres é resistência (Delgado, 2024, p. 300).

Cresceu sempre vendo as mulheres de sua família como protagonistas de suas próprias histórias, sendo criada por sua bisavó e por uma tia-avó, o que reforça uma compreensão próxima ao ecofeminismo, em que o feminino e a natureza assumem posições sem distorção social, afirmando a vida em modos próprios (Lópes, 2025).

Essas mulheres, juntamente com seus dois irmãos mais novos, em meio a tias e parentes que viviam, em sua maioria, em arranjos compostos apenas por mães e seus filhos, sustentam essa força feminina ancestral. Hoje, como mãe solo e provedora do lar, também se reconhece como parte desse continuum.

1.1 CORRENTES DO CUIDADO EM AFECÇÕES MATERNANTES

A maternidade transformou sua vida profundamente. Cada um de seus filhos trouxe uma nova forma de compreender o amor e de se perceber no mundo. Ser mãe lhe ensinou a multiplicar afetos e a encontrar forças quando acreditava não as ter. Foi nesse espaço de cuidado e entrega que percebeu o quanto o ato de educar dentro de casa se entrelaça ao ato de educar no mundo.

Aprendeu a ser ponte entre a leveza da infância e as exigências do cotidiano, entre o sonho e a responsabilidade, entre o feminino e os currículos vivos.

Carrega consigo três pequenas folhas que seguem o fluxo de sua correnteza. Com elas, aprendeu que a ciência não é apenas conhecimento teórico, mas também um saber da vida cotidiana. Em casa, ensina com firmeza; na escola, exerce uma docência mais livre e afetiva. Ainda que tenha sido uma pessoa reservada, a sala de aula a fez perceber que suas pequenas folhas também habitam aquele espaço. É nesse lugar que se sente preparada para ser quem escolheu ser, a mãe que nasceu da educação.

Mas uma educação que “parta do sentir para uma reflexão profunda sobre o cuidado, a escuta e o reconhecimento ético das interdependências que sustentam a vida” (Calixto-Cunha; Fróis; Carvalho, 2025).

Inicialmente, a mulher-rio não desejava ser mãe; marcada por vivências de abandono parental, a maternidade não era algo que a movia. No entanto, ao ingressar como auxiliar de ensino em uma creche pública e se deparar com trinta crianças de dois anos, que dependiam inteiramente de seu cuidado, compreendeu a profundidade e a beleza do maternar-educar.

Ali, sentiu o amor, a educação, a infância e o cuidado. Segundo Lapoujade (2017), toda existência precisa de intensificadores que aumentem sua realidade, e as infâncias foram suas intensificadoras. Um ser não pode conquistar o direito de existir sem a ajuda de outro que o faça existir.

Desde muito jovem, assumiu o papel materno com seus irmãos mais novos, o que a havia afastado do desejo de ter filhos. Contudo, a vida, como esse grande rio, trouxe-lhe três pequenas folhinhas que hoje a impulsionam a ser essa mulher-rio, que se desdobra em mil para seguir em fluxo diante das adversidades.

Seu primeiro filho nasceu em 2017, no mesmo período em que ingressava no curso de Pedagogia. Teve seu percurso interrompido e retornou à margem. O curso foi pausado, mas permaneceu em seu trabalho, cada vez mais apaixonada pela educação e firme na continuidade de sua trajetória profissional. Aguardava o momento de retomar o sonho.

Em 2019, com o nascimento da segunda filha, decidiu interromper novamente esse fluxo e seguir por outros caminhos.

Alguns anos se passaram, e o sonho pulsava cada vez mais forte. Em 2022, decidiu lançar-se novamente em direção ao seu destino acadêmico. Pegou suas folhinhas e moveu-se em busca de seus desejos. Ao mesmo tempo em que saiu o resultado do vestibular, veio a notícia de sua terceira gestação. Surgiram dúvidas, medos e a vontade de desistir, mas esperar já não era mais uma opção.

Em meio às incertezas, colocou-se a viver a maternidade junto à universidade. Ingressou com sete meses de gestação. A barriga já dizia que não estava só, e era justamente essa força que a movia a continuar o fluxo. Mesmo entre tantas confluências, o rio a levava, cada vez mais, em direção ao que almejava.

1.2 TRAVESSIAS DA FORMAÇÃO DA MULHER-RIO NA UNIVERSIDADE

Sua trajetória acadêmica foi marcada por desafios e resistências. O ingresso no ensino superior representou a abertura de novos horizontes, mas também a confrontação com barreiras invisíveis. Em muitos momentos, precisou lutar para afirmar sua presença e identidade em espaços que nem sempre se mostravam acolhedores à diversidade.

Conciliar maternidade, estudos e trabalho foi uma tarefa árdua; contudo, cada conquista acadêmica ultrapassou o valor de um diploma, tornando-se um ato de

resistência e um símbolo de superação. “Talvez a gente precise suspender a ideia de humanidade como um destino obrigatório para toda a espécie humana” (Krenak, 2019, p. 27).

Recorda-se das longas viagens em ônibus lotados, ouvindo comentários desmotivadores sobre sua presença com uma gravidez já avançada. Ainda assim, manteve-se firme. Frequentar a universidade era, para ela, uma forma de resistência, não apenas como mãe, mas como mulher indígena:

E essa é a maneira que eu encontrei para ser capaz de intervir em minha vida. Porque não é possível que apenas sejamos relatados pela passagem do tempo ou pelos ditames da sociedade em que vivemos, tem que ser possível que sejamos capazes de nos relatarmos nós mesmos a nós mesmos (Blanco; 2023, p. 18).

Essa mulher-rio sempre se perguntava: ainda existem esses tipos de comentários... Por que será que a maternidade tanto incomoda as pessoas? Uma grávida tem seus direitos resguardados por documentos regulatórios, mas, para as pessoas, não?

O que se registra em artigos acadêmicos, “a experiência da maternidade universitária é atravessada por desigualdades institucionais, invisibilização estrutural e ausência de políticas públicas sensíveis ao cuidado” (Botti; Silva, 2026, p. 18), ela sente na pele. A cada momento, percebe que a conciliação da gravidez com a vida universitária parece um problema, como se a maternidade pudesse retirá-la de seu sonho da docência e do curso de Pedagogia.

Será que não há espaço para o maternar na universidade?

Mas, para a mulher-rio, a escolha já estava feita.

Ela segue, em revoada de borboleta.

Nos três primeiros períodos do curso de Pedagogia, levava seu bebê às aulas, até o momento em que ouviu, de uma colega, que a presença da criança “atrapalhava a turma”. Esse comentário a estranhou profundamente, visto que, em sua ancestralidade, a maternidade é coletiva, envolve a comunidade, as avós, os pajés, a floresta.

A fala, embora breve, a marcou intensamente e quase a fez desistir. Em meio às dificuldades, sentiu-se, muitas vezes, presa em um redemoinho, uma correnteza que ameaçava levá-la. Mas foram seus três filhos que lhe deram forças para continuar

impulsionando o fluxo da vida, ora manso, ora turbulento, ora estudante, ora mãe solo, e sempre mulher indígena em busca de seus sonhos.

Em muitos momentos, viu-se à beira da desistência; o cansaço era constante e precisava dar conta de tudo. Como afirma Ferreira (2025, p. 20):

O tempo para as mulheres transcorre de uma forma distinta. Diferente também é a passagem do tempo para aquelas que são mães. Uma vez que, tendo bebês e crianças sob os seus cuidados, além de um trabalho fora do lar, o tempo transcorre de uma maneira que transforma o cotidiano dessas mulheres em mais uma barreira a ser superada dentro da sua dinâmica de vida.

Viver a universidade, ser mãe e buscar ser uma professora indígena revela uma grande lacuna. A grande maioria dos docentes era acolhedora e empática, mas, nesse caminho que flui em confluências entre modos de professorar e maternar, houve também aqueles que, de forma negativa, a impulsionaram a continuar, mesmo quando as dificuldades eram extremas.

Ferreira (2025) afirma que “a presença feminina no ensino superior é substancial, gerando demandas específicas para esse grupo, como questões de saúde da mulher, gestação, parto e cuidados com os filhos”. Nesse sentido, pode-se compreender que a maternidade ocorreu simultaneamente a um processo de redescoberta indígena e à construção de novos modos de professorar.

Ouvia comentários de professores como: “você não é mais indígena, veio para a cidade e perdeu seus costumes” ou “você não fala sua língua indígena, é uma indígena falsa”, entre outros, que também se manifestavam em cobranças relacionadas a ausências e atrasos, muitas vezes atravessados pelo fluxo maternante. Conciliar tantas funções exigia um esforço intenso, marcado por crises de ansiedade e frustrações diante de barreiras invisíveis.

Como destaca Ferreira (2025), “a carreira acadêmica se evidencia como um horizonte bem distante das mulheres e mães que conseguem chegar ao ensino superior: é preciso conciliar projetos distintos, por vezes concorrentes”. Ainda assim, as forças emergiam das relações construídas com outras mulheres na universidade, amigas acadêmicas que, desde o início, se acolhiam, formando uma correnteza que impulsionava a mulher-rio a seguir.

1.3 CONFLUÊNCIAS DE EDUCAÇÃO, MATERNÂNCIAS E ENCANTAMENTOS DO SI

Com o passar do tempo, a mulher-rio compreendeu que educação e pertencimento são caminhos que se entrelaçam. Educar não se restringe à transmissão de conhecimentos, mas envolve reconhecer trajetórias, valorizar memórias e legitimar identidades. Pertencer, por sua vez, é mais do que ocupar um espaço: é transformá-lo, ressignificá-lo e enraizá-lo com o próprio existir. Segundo Sandra Corazza (2013), os educadores-artistas são tomados em segmentos de um devir-simulacro, cujas fibras levam de um devir a outros, transformando-se e atravessando limiares de poderes, saberes e subjetividades.

Sua história, marcada por uma infância culturalmente rica, pela maternidade intensa e pela luta no ensino superior, reflete a de muitas outras mulheres que acreditam que a educação é um rio que conduz, produz e (re)conduz, sem jamais arrancar o sujeito da terra de onde brotou.

A temática mãe e universidade, maternidade e trabalho, tem sido levantada pelo feminismo há tempos. De um lado, a vinda da mulher-rio para a capital a fez conhecer parte dessa bandeira de luta de outras mulheres. Ela percebe que o ambiente acadêmico ainda opera “por mecanismos de silenciamento simbólico, ou seja, compactua com a crença da meritocracia, negando ser lugar onde há racismo, machismo e elitismo” (Botti; Silva, 2026, p. 18).

De mesmo modo, o ambiente social aponta que “as maternidades, compreendidas não como destino biológico, mas como experiências marcadas por contradições, sobrecargas e reinvenções, ressoam com a imagem da natureza violentada e exaurida” (Calixto-Cunha; Fróis; Carvalho, 2025, p. 113).

Sente, ainda, outras forças atuando nesse movimento de fluidez de sua vida acadêmica maternante, em que o ecofeminismo trama suas passagens em “bandeiras que guardam a particularidade em vista de uma conversa para um mundo comum, um mundo ao qual todas e todos possam viver” (Lópes, 2025, p. 84).

Na maternidade, segue transmitindo saberes e conhecimentos ancestrais aos filhos, mantendo viva a cultura que a constitui, pois “os pais e avós são responsáveis por transmitir aos seus filhos ou netos, desde a mais tenra idade, a sabedoria aprendida de seus ancestrais” (Luciano, 2006, p. 130).

No ambiente escolar, sua docência também flui como rio, articulando o saber tradicional e o científico. A presença dessa mulher-rio, indígena, grávida e mãe, por si só redimensiona o território universitário: ela é o próprio “campo de insurgência e reinvenção”, modificando o habitat do ensino superior para outro, “onde o cuidado, a solidariedade e a resistência feminina se afirmam como formas legítimas de permanecer e transformar” (Botti; Silva, 2026, p. 18).

No contexto dos povos do Alto Rio Negro, o maternar está profundamente relacionado à continuidade da vida e à manutenção das relações entre território, cultura e comunidade. As mulheres, mães e avós ocupam um lugar central na transmissão dos saberes e na sustentação da vida coletiva. Essa compreensão revela que o maternar ultrapassa a dimensão biológica, constituindo-se como uma prática de cuidado com a vida, com a memória e com o território.

SEÇÃO 2: AUTOBIOGRAFIAS DE UM MATERNAR E A CONSTRUÇÃO DE UM PROFESSORAR

Lembra-se de um dia em que as professoras de estágio juntaram duas cadeiras na sala de aula, colocaram seu filho para dormir e o cobriram com um tecido levado para a experimentação da aula. Dar-se-ia um educar-maternar?

Acredita-se que sim, pois, nos contextos indígenas, educar não se limita ao espaço escolar, estando presente nas práticas cotidianas da comunidade e da família, na vivência dos dias, em suas diversas formas de educação. Como afirma Gersem Baniwa, “a vida pedagógica indígena é o modo como se vive e como se transmitem os conhecimentos acumulados sobre a vida e sobre o mundo” (Luciano, 2006, p. 131). Nesse sentido, o maternar também se constitui como um espaço de educação e continuidade dos saberes ancestrais. Nesse contexto, a academia trouxe-lhe pessoas que sempre a impulsionaram a seguir a corrente de aprendizagem, fazendo daquele espaço também um lugar de maternar.

2.1 EDUCAR-MATERNAR EM DOCÊNCIAS NO ESTAGIAR

Durante sua caminhada acadêmica, a mulher-rio teve a oportunidade de estagiar em uma creche onde pôde observar práticas pedagógicas voltadas à experimentação e à relação entre corpo, natureza e ciências. Essas vivências reforçaram a crença de que a educação se faz viva quando integra saberes, afetos e vidas.

Durante o estágio, vivenciou experiências de brincar heurístico, experimentações com tintas e com objetos não estruturados, assim como momentos de descanso, higienização, alimentação e recreação. O plano de ação foi desenvolvido para uma experimentação de confecção de tintas naturais, envolvendo cantos e histórias relacionados à Amazônia. Foi elaborado um material pedagógico com açaí e urucum, além da utilização de folhas e cachos de açaí para a ambientação do espaço, articulando arte e questões do território. As crianças produziram a tinta, misturando-a em cuias, e pintaram uma cartolina e uma casa ancestral.

“Construções infinitas” foi uma mini-história criada a partir das vivências na creche. Narrava a história da pequena Kimberly, a menina mais esperta, que encontrou caixas de papelão e as transformou em tudo o que podia imaginar, casa,

cavalos, cercados. A imaginação era o seu ponto forte; ali estava o seu mundinho inventivo. A experiência proporcionou um aprendizado próprio e sensível, em conexão com o território, assim como um novo olhar para as docências inventadas em currículos vivos.

Estar em sala de referência, vivenciar as infâncias e participar de experimentações revela um mundo cheio de magias e alegrias, possibilitando cultivar um olhar mais sensível para as infâncias e desenvolver uma pedagogia cartográfica, com afetamentos e posicionamentos sobre as atividades e experiências vividas, apontando suas principais aprendizagens.

A experiência vivida no estágio também revela modos de existir e aprender que se constroem no cotidiano da creche. Como afirma David Lapoujade, “existir é sempre insistir em um modo de vida” (Lapoujade, 2017), indicando que as práticas educativas são atravessadas pelas formas de vida que sustentam os encontros entre crianças, educadores e saberes.

Em outro tempo de seu estagiar, a mulher-rio foi atravessada por outra atuação docente, uma de suas experiências mais significativas como professora. Isso ocorreu durante uma ação pedagógica desenvolvida nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com uma turma de 5º ano. Nesse momento, reafirmou-se enquanto existência docente indígena.

A experiência, inicialmente temida, tornou-se uma das mais marcantes de sua trajetória, constituindo-se como um ato de resistência e reencantamento.

Foi nessa aula que se viu inteira, estudante, professora, mãe e mulher indígena.

Sentiu-se em casa, redescobriu sua força e reacendeu a chama de sua docência e de seu pertencimento. Foi tomada pela revoada de borboletas!

A atuação me trouxe um novo olhar para o meu professorar, vivenciar a indígena docente na sala, com crianças de olhos brilhantes me perguntando sobre mim, sobre minha cultura, sobre meus traços e língua esquecida. Me motiva que a minha docência me traz muito mais do que eu posso imaginar. Ressignificação do plano de ação, eu me deparo com a frase inicial, na qual eu me apresento as crianças como indígena, e seus pequenos mundinhos, se voltam a mim, cheios de sede de conhecimentos. Por todo momento, houve discussões sobre o que palavras, músicas, aquele momento significava a eles. Ouvir gosto dessa música, bota pra gente ouvir de novo, a curiosidade com as palavras que tinha levado, o desenho que eles fizeram, todos remeteram a mim, o meu lado Indígena ancestral gritou e foi ouvido e glorificado. A professora regente, se impressionou, me fez uma roda de perguntas, assim como as crianças também. Senti-me motivada a continuar ali, onde eu era o centro, um lugar que eu por muito tempo me escondi, e

estava amostra, da forma mais genuína possível (Caderno de estágio II, 2024).

Continuando o fluxo, o estágio supervisionado em gestão escolar proporcionou uma oportunidade para observar a aplicação e, em muitos casos, a ausência desses princípios na realidade cotidiana. A escola em que ocorreu o estágio enfrentava um processo de reforma estrutural, o que impactava diretamente o funcionamento administrativo e o clima institucional. O ambiente era marcado por sobrecarga de trabalho, escassez de recursos e uma rotina fora do comum.

Paes et al. (2022) defendem que a formação docente precisa considerar os contextos, as experiências e as identidades étnicas, cosmológicas e ancestrais, possibilitando a construção de novas formas de compreender e ressignificar a docência.

O Estágio Supervisionado III representou uma experiência formativa profundamente significativa, permitindo uma imersão real nas dimensões administrativas, pedagógicas e humanas que constituem o cotidiano da gestão escolar. A vivência nas duas instituições, Escola Municipal Nossa Senhora da Paz e Escola Municipal Arte e Cultura possibilitou observar distintas realidades organizacionais, desafios estruturais, práticas gestoras e, sobretudo, diferentes modos de relação entre gestão, professores, estudantes e comunidade (Caderno de Estágio III, 2023).

O espaço-tempo formativo do estagiar foi vivido como um tempo de a mulher-rio sentir a maternagem para si, pois havia professoras orientadoras e professoras supervisoras que a acompanhavam. Orientavam, explicavam, observavam, escutavam e, por vezes, chamavam sua atenção. Seria um maternar sendo maternado com o educar?

Tantas coisas viveu nesse estagiar... Entre docências e maternagem, houve até tempo para currículos vivos brotarem, movidos por esta mulher-rio enquanto mulher do povo Baré.

Nesse percurso, percebe que tornar-se professora também é deixar-se atravessar pelas histórias que a constituem, pelas experiências de vida e pelos saberes que vêm de antes. Assim como um rio que segue seu curso e encontra novos caminhos, as vivências do estágio deságuam em outras reflexões que atravessam esta escrita. É nesse fluxo que o próximo capítulo se abre, conduzindo o olhar para os atravessamentos do maternar-educar, onde ancestralidade, experiência e docência se entrelaçam na tessitura de currículos vivos.

2.1 UM MATERNAR CONTINUADO E (RE)ENCANTAMENTO COM A DOCÊNCIA

Um dos acontecimentos da mulher-rio foi o encontro com o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE), um projeto em que estudantes de licenciatura atuam como assistentes à docência nas escolas municipais de Manaus/AM, possibilitando que professores da rede participem de aulas de seus cursos de pós-graduação. Encantou-se com o programa desde sua apresentação em sala de aula por uma docente que integrava o projeto, pois viu ali um leque de possibilidades de aprendizagem.

Nesse caminho, a assistência à docência também a aproximou de uma dimensão sensível do educar, aquela que se manifesta no cuidado, na presença e na construção de vínculos com as crianças. Ao acompanhar suas descobertas, seus tempos e suas formas de estar no mundo, compreendeu que educar, especialmente na infância, também carrega algo do maternal. Trata-se de sustentar processos, acolher fragilidades e celebrar pequenas conquistas que emergem no cotidiano.

Assim, a experiência como assistente à docência não foi apenas um momento formativo dentro da graduação, mas um percurso de aprendizagens que atravessou sua própria história. Entre escolas, formações e encontros com as crianças, foi reconhecendo que a docência também se constrói nos caminhos percorridos, nas experiências vividas e nos modos como cada um de nós aprende a cuidar, ensinar e aprender com o outro.

Cada escola possuía sua singularidade e sua comunidade diversa. A mulher-rio transbordava em uma correnteza que fluía com o olhar de educadora. Em diversos momentos, percebia a maternidade falar mais alto, expressa no cuidado e no carinho dedicados às crianças. Sempre foi acolhida, e essa experiência a transformava, enquanto mulher indígena, em um percurso de docência materna, pois “a educação indígena tem como propósito formar pessoas capazes de compreender o mundo para respeitá-lo e garantir o equilíbrio da vida humana e da natureza” (Luciano, 2019, p. 2).

Recorda-se de uma experiência significativa, uma aula de contação de histórias realizada de forma oral, sem livros ou papéis, apenas com a voz e os sons produzidos pelas próprias crianças. Lembra-se dos momentos em família, quando os primos se reuniam para contar histórias e causos. Em muitos momentos, viu e viveu, no chão da escola, lembranças de sua própria casa.

Como a maternidade sempre foi uma prioridade e “existe uma cobrança da própria universidade por bons rendimentos acadêmicos e existe um peso do que é ser mãe, ancorado nas projeções e expectativas que a nossa sociedade lança sobre a maternidade” (Leite; Alves, 2022 apud Ferreira, 2025, p. 12), passou da assistência à docência para a função de assistente do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Nesse contexto, conheceu a sala de aula virtual da plataforma Moodle, por meio da qual se acessam videoaulas, materiais complementares, atividades avaliativas e fóruns de discussão.

Vivenciou, assim, os dois lados da assistência: o mais pedagógico e curricular, junto às escolas, e aquele voltado aos processos formativos mediados pelo ambiente virtual. Recordava-se de ter chorado muito quando precisou deixar o Programa Assistente à Docência (PAD). Ali havia encontrado um grande incentivo para afirmar-se como mulher indígena nos espaços escolares e para carregar sua ancestralidade.

No último ano desse curso de pós-graduação, a mulher-rio acompanhou duas escolas em seus processos formativos. Foi uma oportunidade singular, na qual pôde observar as pedagogas formadoras e a maneira como desenvolviam suas atividades considerando as especificidades de cada escola e turma.

A participação em momentos de formação continuada, especialmente ao acompanhar a pedagoga formadora em encontros presenciais, possibilitou compreender, na prática, aspectos discutidos teoricamente nos estudos sobre a cultura da escola. Observou que o cotidiano escolar é marcado por relações, formas de organização, práticas e interações que constituem uma cultura própria, construída coletivamente.

Nesse contexto, a atuação da formadora evidenciou movimentos de diálogo, escuta e participação, aproximando-se de um clima formativo mais democrático e acolhedor. Tais vivências atravessaram a trajetória formativa da mulher-rio, contribuindo para a construção de uma docência que compreende a formação continuada como espaço permanente de aprendizagem.

Recordava-se de ouvir a coordenadora do PAD ministrando aulas sobre mídias digitais, trazendo reflexões amplas e, ao mesmo tempo, profundamente conectadas às realidades das escolas. Entre os módulos, destaca-se o “Ateliê Pedagógico: Criações Curriculares e a Construção de Materiais Didáticos Inclusivos”, que estabelecia pontes entre o protagonista da formação, o professor, e o protagonista da aprendizagem, o estudante.

Em tantas escutatórias, percebia que uma das maiores inquietações dizia respeito à educação especial inclusiva, talvez um dos maiores desafios enfrentados pela escola na contemporaneidade. Recordo com carinho uma sala especial que acompanhava com frequência, destinada a crianças neurodivergentes ou com deficiência. Havia ali um amor que se fazia sentir. Um multiculturalismo capaz de transformar o olhar pedagógico. Entre abraços e danças, sentia-se em casa, reconhecendo nos gestos daquelas crianças muitos dos contos, brincadeiras e movimentos que vivia com suas três folhinhas.

Era nesse encontro que se fortalecia um ensinar lúdico e sensível, sustentado por uma docência que buscava permanecer como um rio calmo e límpido.

Ao refletir sobre essas escutatórias, compreendeu que educar, especialmente na infância, exige uma postura que também se aproxima do materno: um gesto de acolhimento, paciência e compromisso com os diferentes tempos e modos de aprender. Assim, pensar a educação inclusiva também é pensar em práticas que reconheçam a diversidade das infâncias e que sustentem, com cuidado e responsabilidade, os processos de aprendizagem de todas as crianças.

Nesse movimento, a maternidade e a educação entram em confluência nos espaços educativos, promovendo reflexões sobre o professorar a partir das vivências acadêmicas movidas pelo olhar de uma mãe em formação. Como afirmam Paes et al. (2022), a educação constitui uma forma de resistência, pois permite defender valores socioculturais e, ao mesmo tempo, conhecer e compreender outras culturas.

Pode-se dizer, ainda, sob outro olhar da mulher-rio, que esses momentos no Laboratório fomentaram uma outra ideia de materno, articulada ao cuidado com a formação daqueles que ensinam na escola pública. Trata-se de uma preocupação voltada ao coletivo, à construção de uma educação mais alinhada às necessidades das pessoas que sustentam o cotidiano das salas de aula e dos espaços de aprendizagem.

2.3 OUTRO PROFESSORAR MATERNANTE NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Pós-fluxo encerrado pelo PAD, abriu-se um novo afluente. Deu-se início à participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade do Estado do Amazonas (PIBID/UEA), que representou um movimento potente para a constituição docente desta mulher-rio, ao possibilitar a ampliação do

olhar sobre as crianças do Ensino Fundamental e a revisitação de práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar.

As experiências configuraram-se como um marco em sua formação acadêmica e profissional, uma vez que favoreceram a compreensão das relações entre as teorias estudadas na universidade e as práticas realizadas com o apoio de professores supervisores da rede pública de ensino. Desde as primeiras inserções no PIBID/UEA, teve a oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar de forma contínua, o que permitiu uma aproximação com a prática docente, os desafios da sala de aula, a organização do trabalho pedagógico e as múltiplas dimensões que envolvem o professorar. Essas experiências contribuíram para o desenvolvimento de uma postura mais segura, crítica e sensível às necessidades das crianças.

Nesse percurso, exercitou uma prática pautada no diálogo, no acolhimento e no respeito às singularidades das crianças, reconhecendo a escola como espaço de formação integral e de transformação. Ao vivenciar essas experiências, compreendeu que tais movimentos também expressam uma dimensão do materno presente na docência, especialmente nos contextos educativos voltados às infâncias, nos quais educar implica igualmente cuidar, escutar e sustentar os processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Assim, o exercício da docência revela-se como uma prática relacional, atravessada por afetos, responsabilidades e compromissos éticos com o outro.

Nesse fluxo, o materno-educar compreende-se como uma postura que se manifesta na atenção às diferenças, aproximando-se da ideia de que a docência se constrói no encontro entre sujeitos e nas experiências vividas no cotidiano educativo. Como afirma Sandra Mara Corazza (2012), “a docência é uma prática de invenção”, pois se reinventa continuamente nos contextos, nas relações e nos processos formativos que atravessam o fazer pedagógico.

O PIBID/UEA inseriu-a na docência e constituiu-se como um elemento estruturante de sua formação, permitindo compreender o professorar como um campo de práticas que articula cuidado, aprendizagem e responsabilidade social.

Outras experiências significativas também atravessaram sua constituição docente, ampliando os modos como compreende o educar. Para além da atuação nas escolas, a participação em formações, seminários acadêmicos, rodas de conversa, socializações de escritas e aulas marcou sua trajetória. Nesses encontros, percebeu que a docência não se constrói apenas no interior da sala de aula, mas também nas

trocas, nas narrativas e nas reflexões compartilhadas com outros sujeitos da formação.

Essas experiências fortaleceram a compreensão de que educar, assim como maternar, é um movimento contínuo de aprender com o outro. Cada fala ouvida, cada texto apresentado e cada aula significativa tornaram-se sementes lançadas no percurso da formação, alimentando a construção de uma docência sensível, situada e comprometida com a vida. Firmam-se, assim, como parte das travessias que constituem o processo de maternar-educar, no qual ensinar, aprender e cuidar se entrelaçam na construção de currículos vivos.

QUANDO UM RIO DESÁGUA NUM MATERNAR-EDUCAR

A autobiografia inventiva da mulher-rio revela que o conhecimento não se limita ao campo racional, pois se expande nas experiências vividas, nos afetos, nas relações que se constroem ao longo do caminho e na ancestralidade que habita o presente. Como nos lembra Lapoujade (2017), cada existência pode se tornar o germe de uma nova realidade, e é justamente nesse movimento que a mulher-rio se faz. Entre a docência, a maternidade e a ancestralidade, ela compreende que aprender também é um ato de existir, um processo contínuo de transformação e reinvenção, no qual o ecofeminismo e os currículos vivos habitam.

Há que se perguntar se o ecofeminismo não seria um conceito que destoa da autobiografia aqui produzida, visto que se constitui em uma branquitude colonialista, ao passo que os povos da América Latina e os povos originários vivenciam, em seus cotidianos, muitas das práticas que esse conceito busca evidenciar. Contudo, compreendemos o ecofeminismo como essa “preocupação com a autonomia, independência, o respeito das mulheres e as mulheres também assumindo essa luta pela preservação da vida na terra” (Lópes, 2025, p. 81), o que possibilita a habitação dessa mulher-rio enquanto mãe e universitária.

As teorias aqui revisitadas mostraram que o saber nasce da relação entre o corpo e o mundo e que a formação docente precisa reconhecer a potência das histórias singulares, especialmente de mães, mulheres, indígenas e estudantes. A travessia autobiográfica dessa mulher-rio, portanto, não é apenas um percurso acadêmico, mas uma experiência de autoconhecimento, resistência e afirmação de uma existência Baré.

Dessa autobiografia inventiva da mulher-rio emerge uma docência enquanto ato político, ético e estético, afirmando vidas por meio de uma docência com traços (eco)feministas e em currículos vivos perante o Antropoceno. Nessas vias de considerações finais, a narrativa dessa mulher-rio ressalta que a articulação entre saberes ancestrais e científicos fortalece a singularidade do maternal na formação docente e potencializa práticas pedagógicas mais sensíveis, inclusivas, contextualizadas e aterradas no território.

Sua formação iniciou-se sob a crença de que a maternidade e a ancestralidade constituíam obstáculos ao percurso acadêmico. Entretanto, nesse curso de forças do rio, ambas se intensificam como experiências constitutivas do ser e se estendem ao

educar-maternar ou ao maternar-educar, ressignificando seu lugar de mulher indígena na universidade e na escola. Desse movimento, emerge uma pedagogia amazônida, na qual a educação se apresenta como um rio que ora conduz, ora desloca o sujeito de si, ora produz traços (eco)feministas, ora derruba currículos, ora fabrica currículos vivos, ora desfaz margens e ora cria novos aterramentos a partir da ancestralidade da terra de onde brotou.

As marés futuras anunciam que a travessia da mulher-rio não termina aqui, afinal, ela é Panapaná.

O rio segue seu curso, levando consigo as aprendizagens, os desafios e os sonhos que emergem da pesquisa e da formação docente em Pedagogia. Continuar formando-se e (trans)formando-se é permanecer em movimento, em fluidez com currículos vivos, aberta às confluências entre teoria e prática, entre o saber acadêmico e o saber ancestral.

A formação docente, nesse sentido, é vista como um processo que nunca se encerra, assim como o rio, que se renova a cada curva. A Pedagogia aqui produzida apresenta-se em constituição amazônida e ancestral, atravessada pelo rio do povo Baré e pela revoada de borboletas. A mulher-rio segue em busca de novos encontros, novas margens e novas maneiras de existir, educar e maternar.

O futuro faz-se corrente, e nele continuam fluindo as águas da maternidade, da docência e da ancestralidade, que sustentam e dão sentido à sua existência.

REFERÊNCIAS

BLANCO, Sergio. A Autoficção: uma engenharia do eu. Tradução de Esteban Campanela. Revisão da Tradução: Vicente Concilio. Urdimento, **Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 48, set. 2023.

BOTTI, Maria Luciana; SILVA, Cássia Beatriz Batista e. Mulheres-mães no contexto da universidade brasileira: uma revisão sistemática da literatura. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. e2229, 2026. DOI: 10.52641/cadcajv11i3.2229. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/2229>. Acesso em: 24 abr. 2026.

CALIXTO-CUNHA, Marina; FRÓIS, Ana Clara; CARVALHO, Daniela Franco. Conexões ecofeministas entre arte contemporânea, natureza e maternidades. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, [S. l.], v. 30, n. 4, p. 1–18, 2026. DOI: 10.63595/ambeduc.v30i4.19812. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/19812>.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

FALSARELLA, Ana Maria. Os estudos sobre a cultura da escola: forma, tradições, comunidade, clima, participação, poder. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 618-633, jul./set. 2018. DOI: 10.1590/ES0101-73302018182991.

FERREIRA, Simara Alves. **Mãe em todo o tempo, estudante quando possível: o contexto de mulheres gestantes e mães na graduação de Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas – Campus Manaus**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

GOMES, Thalyta Juliana da Silva; NINA, Socorro de Fátima Moraes; SOUSA, Adria de Lima. **Da aldeia à universidade: os desafios enfrentados por mulheres indígenas em uma universidade pública do Amazonas**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 22, p. 1–27, 2025. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11675>. Acesso em: 24 abr. 2026.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama: Eu moro na cidade**. Manaus: Grafisa, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Tradução de Hortência Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LÓPES, Maricel Mena. Ecofeminismo, um jeito de abraçar as diferenças e construir um mundo diferente - Entrevista com Ivone Gebara. **Revista Mandrágora**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 79–84, 2025. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/revistamandragora/article/view/9666>. Acesso em: 23 abr. 2026.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC; SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

MELO, Rita Floramar dos Santos. **A Universidade Federal do Amazonas e o acesso dos povos indígenas ao ensino superior**: desafios da construção de uma política institucional. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

OLIVEIRA, Caroline Barroncas de; COSTA, Mônica de Oliveira; AIKAWA, Monica Silva. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **ClimaCom Cultura Científica – pesquisa, jornalismo e arte**, ano 10, n. 24, p. 133–151, jun. 2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/retrato/>.

OTERO, Quelma da Silva. **Parteiras indígenas Baré**: suas memórias e saberes tradicionais no atendimento junto às puruãs na sede de São Gabriel da Cachoeira-AM. 2025. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2025.

PAES, Luciane Rocha; SANTOS, Rita Floramar Fernandes dos; RICARDO, Helenice Aparecida; VIEIRA, Alva Rosa Lana. Em busca de outras coordenadas epistêmicas: breve enunciação entre decolonialidade e a formação universitária de professores indígenas no Amazonas. **Intellèctus**, v. 21, n. 1, 2022.

RANGEL TORRIJO, Hugo. Una mirada internacional de la construcción curricular: Por un currículo vivo, democrático y deliberativo. **REDIE - Revista Electrónica de Investigación Educativa**, Ensenada, v. 17, n. 1, p. 01-16, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/redie/v17n1/v17n1a1.pdf>.

TOFFOLI, Tatiana. **Baré, povo do rio**. Publicado pelo canal SescTV. YouTube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nd69jnE35uA>. Acesso em: 05 abr. 2026.

VASCONCELOS NETO, Agenor Cavalcanti de; DELGADO, Jane Araújo. Um ensaio sobre a origem de São Gabriel da Cachoeira: a relação entre as Icamíabas e o povo Baré. **Revista Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, v. 34, n. 2, p. 293–302, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18224/frag.v34i2.14237>. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/14237>. Acesso em: 20 abr. 2026.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO TEXTUAL

Eu, Gabriely da Silva e Silva, CPF nº 027.633.582-17, declaro, para os devidos fins, que realizei a revisão textual, gramatical, ortográfica e de formatação do trabalho acadêmico intitulado “Autobiografia inventiva de uma mulher-rio Baré no maternar-educar com traços (eco)feministas nas docências e currículos vivos”, de autoria de Panapaná Baré (civilmente registrada como Larissa da Silva e Silva), apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Declaro que a revisão teve por objetivo contribuir para a correção linguística, a clareza e a coerência textual do trabalho, preservando integralmente as ideias, reflexões, interpretações e a autoria intelectual da autora.

Por ser verdade, firmo a presente declaração.

Brasília, 28 de junho de 2026.

Documento assinado digitalmente
 **GABRIELY DA SILVA E SILVA**
Data: 28/06/2026 20:14:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Gabriely da Silva e Silva

CPF: 027.633.582-17

Documento assinado eletronicamente por meio da plataforma Gov.br, nos termos da Lei nº 14.063, de 23 de setembro de 2020.